



“MANEJO DE PLANTAS ORNAMENTAIS E TÓXICAS: INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO EM SAÚDE”

Lima, Fagner Arruda¹;
Do Bú, Emerson Araújo²;
Araújo, Cristina Ruan Ferreira³;

¹Discente do curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), **Autor**.
fagnerlim@hotmail.com

²Discente do curso de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), **Co-autor**.
emerson_araujodubu@hotmail.com

³Docente do Curso de Enfermagem e Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG),
Orientadora. - profcristinaruan@bol.com.br

Introdução

A educação ambiental vem sendo incorporada como uma prática inovadora em diferentes âmbitos. Nesse contexto devemos atentar para a sua utilização como objeto de políticas públicas de educação e de meio ambiente em âmbito nacional, uma vez que a intoxicação por plantas acontece por desconhecimento do potencial tóxico da espécie, ver-se a necessidade de uma abordagem educativa mais ampla sobre o tema.

O principal interesse em plantas tóxicas está relacionado com o potencial de causar intoxicações em seres humanos ou em animais (SCHENKEL et al., 2002). De acordo com alguns dados do Ministério da Saúde (2003), no Brasil ocorrem cerca de 2.000 casos de intoxicações por plantas, sendo que 5% ocorrem com animais, enquanto 95% dos casos ocorrem com humanos.

As plantas com efeitos considerados tóxicos possuem substâncias que, por suas propriedades naturais, físicas e químicas, alteram o conjunto funcional-orgânico em vista de sua incompatibilidade vital, conduzindo o organismo vivo a reações diversas. (VASCONCELOS; VIEIRA; VIEIRA, 2009).

É importante que espécies ornamentais tenham ainda que passar por um processo de divulgação mais extenso. No caso específico das plantas tóxicas, podemos considerar uma preocupação mais particular, pois se sabe que a intoxicação por plantas acontece geralmente por desconhecimento do potencial tóxico das espécies.



Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo apresentar e posteriormente refletir o estado da arte, no que refere-se ao cuidado que a população deve ter ao manusear plantas ornamentais e/ou tóxicas. Visa-se por meio da demonstração panorâmica dos estudos que ressaltam tal temática, sensibilizar a comunidade acadêmica no que tange ao desenvolvimento de atividades que promulguem a conscientização da população acerca de prováveis riscos que o manuseio errôneo de tais plantas pode provocar para a saúde dos indivíduos.

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão da literatura nas principais bases de dados que indexam periódicos, a saber: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e IndexPsi, utilizando-se como descritores os termos: “plantas” (plants) AND “tóxicas” (toxic)” e Educação Ambiental.

Como critérios de refinamento foram considerados os seguintes: (1) inclusão de artigos publicados em português e inglês, que disponibilizassem o conteúdo completo e fizesse referência direta ao tema. (2) exclusão de textos coincidentes, que não disponibilizassem o conteúdo completo e/ou não fizessem referência direta ao tema. Foram encontrados 20 artigos, porém só atenderam aos critérios de refinamento e consecutivamente foram utilizados 09 artigos publicados no período de 2000 a 2014.

O tratamento dos dados foi realizado por meio da análise qualitativa dos trabalhos selecionados, confrontando-os de modo a extrair as convergências, divergências e novas perspectivas acerca do tema abordado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde épocas passadas, as civilizações humanas acumulam informações e experiência sobre o ambiente de sua vivência, para que haja a possibilidade de interagir e prover dele suas necessidades vitais. (RANGEL; BRAGANCA, 2009).



Plantas ornamentais distinguem-se pelo florescimento, pela forma ou colorido das folhas e pela forma e aspecto geral da planta. Muitas dessas plantas são categorizadas também como plantas tóxicas, podem causar significativos transtornos, principalmente em crianças e animais (LORENZI, 2001).

Visto da ótica científica, estudos mostram que muitas delas possuem substâncias altamente agressivas e, em razão disto, devem ser utilizadas com cautela, respeitando seus riscos toxicológicos (VEIGA, JUNIOR, PINTO, MACIEL, 2005).

Destaca-se que os acidentes domésticos entre crianças são frequentes e contribuem para elevar a morbimortalidade infantil. As intoxicações representam um dos principais tipos de acidente envolvendo crianças e tomam proporções preocupantes. Em sua grande maioria, são de origem considerada acidental, porém sua decorrência pode ser atenuada na presença de situações facilitadoras, de características próprias a cada fase da criança, do modo comportamental inadequado da família e do pouco ou nenhum incentivo às medidas preventivas (SOUZA; BARROSO, 1999).

Dados do Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológica, (CICT/FIOCRUZ/ SINITOX, 2000), apresentam que a cada dez casos de intoxicação por plantas no Brasil, seis são de crianças (menores de 9 anos) que intoxicam-se. As intoxicações entre os adultos também são frequentes, sendo causadas, principalmente, pelo uso inadequado de plantas medicinais, plantas alucinógenas e abortivas.

É importante ressaltar que boa parte da população na maioria das vezes não possui informação sobre a composição química de tais espécies e acabam utilizando-as como adorno apenas por seu poder ornamental e pelas facilidades encontradas no manejo (OLIVEIRA; GODOY; COSTA, 2003).

Dessa forma, aponta-se que medidas precisam ser tomadas para que haja uma sensibilização da população acerca dos riscos que o mal manejo de plantas ornamentais e/ou tóxicas podem provocar para a saúde dos indivíduos. Assim, aponta-se para a prevenção que consiste em evitar que algum dano aconteça, mediante o exercício de cuidados físicos, materiais, emocionais e, mormente sociais, motivo pelo qual as precauções se fazem necessários, devendo ser compreendidas



e praticadas pela comunidade. Prevenir esses eventos permitirá reduzir a demanda aos serviços de saúde, além de todo o estresse que as famílias e as vítimas vivenciam (MARTINS, ANDRADE, PAIVA, 2006).

Assumindo o acidente como um mal endêmico e que necessita de um plano de ação permanente, entendemos a Educação Ambiental como primordial. Sem dúvida, a valorização de um tema tão importante e cujas iniciativas são modestas deve ser realizada e assumida como essencial (NEPOMUCENO, 1999).

Para tanto, a Educação Ambiental passou a ser pensada como um processo capaz de desenvolver a reflexão e a consciência crítica das pessoas sobre as causas de seus problemas de saúde, enfatizando o desencadeamento de um processo baseado no diálogo, de modo que se passe a trabalhar com as pessoas e não mais para as pessoas. Esse diálogo assume o pressuposto de que todos possuem potencial para serem protagonistas de sua própria história, de que estão motivados para se organizarem e de que possuem expectativas sobre as possibilidades de mudança (ALVES, 2011).

CONCLUSÃO

Torna-se claro que a educação ambiental é uma prática social, devendo ser centrada na problematização do cotidiano, na valorização da experiência de indivíduos e grupos sociais e na leitura das diferentes realidades.

Percebe-se ainda, que conscientizar a população por meio da sensibilização a respeito do potencial de toxicidade de algumas plantas é fundamental para se evitar acidentes. Incurrendo-se que essa conscientização deve ser realizada principalmente em comunidades carentes e locais de menor acesso à informação. Destacando-se que são nessas localidades em que há um maior contato da população com plantas, muitas vezes cultivadas nos quintais das residências tornando população susceptível a envolver-se nestes tipos de acidente.

PALAVRAS CHAVE: Fitoterapia. Plantas Tóxicas. Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. G.; and AERTS, D. **As práticas educativas em saúde e a Estratégia Saúde da Família.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2011, vol.16, n.1, pp. 319-325. ISSN 1413-8123.

Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica/Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (FIOCRUZ/CICT/SINITOX). *Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento.* Brasil, 2000. Rio de Janeiro, p.19-38.2002.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M.. **Plantas ornamentais do Brasil (arbustivas herbáceas e trepadeiras).** 3 Ed. Nova Odessa, São Paulo: Ed.Plantarum, 2001.1088p.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE, S. M.; PAIVA, P. A. B.. Envenenamentos acidentais entre menores de 15 anos em município da Região Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, Fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 DEZ. 2013.

NEPOMUCENO, G. et al. **Prevenção de acidentes domésticos na infância e adolescência.** *Associação Brasileira de Engenharia de Produção.* ENEGEP, 1999. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1999_A0520.PDF>. Acessado em: 02 JAN 2014

OLIVEIRA, R. B.; GODOY, S.A. P; COSTA, F.B. **Plantas tóxicas: conhecimento e prevenção de acidentes.** São Paulo: Ed. Holos, 2003. 64p.

RANGEL, M. and BRAGANCA, F.C.R.. **Representações de gestantes sobre o uso de plantas medicinais.** *Rev. bras. plantas med.* [online]. 2009, vol.11, n.1, pp. 100-109. ISSN 1516-0572.

VASCONCELOS, J.; VIEIRA J. G. P; VIEIRA E. P. P. Plantas Tóxicas: Conhecer para Prevenir; **Revista Científica da UFPA**, v. 7, n. 01, 2009.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M.. Plantas medicinais: cura segura?. **Quím. Nova**, São Paulo, v. 28, n. 3, Jun 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010040422005000300026&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 30 Dez 2013
